Violência – um reflexo do medo de morte

*Equipe**
RUTH DA COSTA TORRES
THEREZINHA EBERT
WANDA GURGEL GUEDES
WILMA COSTA TORRES

Expositora:
WILMA COSTA TORRES

O tema da violência urbana permite e exige uma sondagem e avaliação caleidoscópica. A antropologia, a sociologia, o urbanismo, a assistência social, a arquitetura, o direito, a política, a psicologia, enfim cada uma das diferentes ciências, e dentro de cada ciência os diferentes enfoques, poderão com suas múltiplas contribuições constituírem os diversos espelhos que constroem as imagens desse caleidoscópio. O que pretendemos é propor uma das possíveis abordagens psicológicas – a existencial – para explicação do problema, demonstrando como o clamor da violência pode ser a rigor o clamor do medo da morte.

Como denotam as contribuições de Heidegger, Kierkegaard, Rank, Becker, Brown e outros, uma das mais significativas descobertas do pensamento moderno é a de que a idéia da morte é a grande propulsora das atividades humanas, e, portanto, como afirma Becker, o terror da morte é um universal que torna claras e inteligíveis certas ações do homem.

O medo da morte, o terror, como Becker prefere chamá-lo, é portanto o conceito crucial da psicanálise existencial. Dentro desta perspectiva, por trás da sensação de insegurança diante do perigo, e do sentimento de desencorajamento e depressão, sempre está escondido o medo básico da morte, um medo que sofre as mais complexas elaborações e manifesta-se de muitas maneiras indiretas. As neuroses de angústia, os vários estados de fobia, os estados suicidas e depressivos demonstram o onipresente medo da morte entrelaçado nos principais conflitos destas condições psicológicas.

Mas o temor da morte não pode estar presente constantemente no funcionamento mental de uma pessoa, e por isso na maior parte do tempo agimos sem realmente acreditar em nossa própria mortalidade física. O homem "silogisticamente" admite que é mortal e que portanto morrerá um dia. Mas esta é uma admissão verbal, puramente intelectual, pois na realidade ele vive sem pensar na morte. O sentimento do medo está reprimido.

Aliás, esse conceito de repressão da morte, básico para a psicanálise existencial, está implícito em muitas formulações de Freud, no decorrer de sua obra, sobretudo quando se refere ao problema da ansiedade, como mostra Brown. Freud que inicialmente supunha que a repressão

* Psicólogos do Programa de Tanatologia do CBPP do ISOP.

da sexualidade, na fase edípica, é que produzia a ansiedade, conclui, posteriormente, que é a ansiedade que produz a repressão. E ansiedade, nas próprias palavras de Freud, é a angústia de separação da mãe protetora (Inibições, Sintomas e Angústia – ISA). E o trauma psíquico máximo, angústia da castração ou antes um medo de perder o instrumento para reunificação com uma mãe sucedânea no ato da cópula (ISA). Além disso, todas as separações são sentidas como uma ameaça de morte. Diz Freud, "o que o ego teme na ansiedade está na natureza de um transbordamento ou extinção" (*O ego e o id* e ISA). Portanto, ao tratar do problema central da angústia, Freud não mais fala como o fizera antes – sobre a criança sendo subjugada internamente por seus impulsos instintivos; em vez disso, as formulações de Freud tornam-se existenciais. A angústia é agora vista principalmente como uma reação ao desamparo total, ao abandono, ao destino. E novamente nas palavras de Freud: "o medo da morte deve ser encarado como análogo ao medo da castração, e a situação à qual o ego reage é o estado de ser abandonado ou desertado pelo superego protetor pelos poderes do destino – o que põe fim a segurança contra todo o perigo" (*O problema da ansiedade*). A rigor, em suas últimas formulações, Freud vê o complexo de castração como um clímax na história da ansiedade infantil a qual recua ao trauma do nascimento. Assim, a análise da ansiedade na obra de Freud indica grande ampliação de perspectiva, na medida em que nas últimas formulações a ansiedade é vista como uma reação à experiência de separação e morte.

Para transcender a morte a humanidade lança mão de todos os recursos culturalmente padronizados – heroísmo, narcisismo, carisma, arte, religião – assim como inconformismo e neurose. O heroísmo, portanto, é sobretudo um reflexo do terror da morte. Não é, pois, de se estranhar que de todos os mitos, o mito do herói seja o mais comum e melhor conhecido, sendo, como insiste Jung, profunda sua importância psicológica não só para o indivíduo como também para a sociedade. O herói é o homem que pode ingressar no mundo dos espíritos, no mundo dos mortos, e voltar vivo. O culto ao herói seria assim, como afirma G. Stanley Hall, uma tentativa de obter "um banho de imunidade contra o maior mal: a morte e o receio dela".

A introdução do conceito de heroísmo, entretanto, é certamente uma idéia pouco permeável e dificilmente aceita, mesmo quando um homem da dimensão de Einstein assim se expressa: "(. . .) foram ideais que suscitaram meus esforços e me permitiram viver (. . .) se não me identifico com outras sensibilidades semelhantes à minha e se não me obstino incansavelmente em perseguir esses ideais (. . .) a vida perde todo o sentido para mim".

Da mesma maneira que o conceito de repressão do medo da morte já estava implícito em Freud também em seu conceito de narcisismo encontramos o suporte científico para a verdadeira compreensão da natureza do heroísmo e de seu peso na vida humana. No homem seu sentimento de auto-estima é constituído simbolicamente e, portanto, seu narcisismo alimenta-se de símbolos, de uma idéia abstrata a respeito de seu próprio valor. Daí sua necessidade de comparar-se nas menores particularidades com os que o cercam a fim de ter a certeza de não ser posto em segundo plano. Esta é a razão para a rivalidade entre irmãos que, como diz Becker, espelha bem a necessidade desesperada que tem o homem de justificar-se como objeto de valor primordial no universo, de sobressair, de ser herói, mostrar que conta mais do que qualquer coisa ou qualquer outra pessoa.

Cada cultura tem um diferente sistema de heróis. A sociedade, diz Becker, é e sempre foi um sistema de ações simbólicas, uma estrutura de *status* e papéis, costumes e regras de comportamento destinados a servir de veículo para o heroísmo terrestre. Nossa sociedade que se caracteriza por ser uma sociedade negadora da morte, vivendo o pesadelo da obsessão do mais e a idolatria do consumismo realizou a reificação do homem, fez submergir o espaço que permitia a este ser herói, ferindo assim seu narcisismo. A crise da sociedade moderna consiste, portanto,

em que os jovens não mais se sentem heróicos no plano de ação estabelecido por sua cultura. Os jovens não crêem mais que o plano de ação de nossa sociedade seja empiricamente válido para os problemas de sua vida e de seu tempo. Daí o surto de anti-heróis, aqueles cujo narcisismo ulcerado e heroísmo atormentado censuram o sistema que deixou de representar o heroísmo com que todos concordam. A mocidade detectou – aceitando todas as suas conseqüências – uma excepcional verdade sócio-histórica: a de que assim como há inúteis sacrifícios pessoais também existe um ignóbil heroísmo de sociedades inteiras – pode ser o heroísmo perversamente destrutivo da Alemanha de Hitler ou o simplesmente degradante e tolo heroísmo da aquisição e exibição de bens de consumo, o acúmulo de dinheiro e privilégios que atualmente caracteriza todo um estilo de vida.

Mas mesmo se revelando contra essa cultura, ainda assim os anti-heróis se revelam mais do que nunca filhos dessa cultura. Em uma sociedade mais sadia, menos mercantil, menos negadora da morte, o terror da morte seria canalizado para o heroísmo. Mas nesta sociedade onde a morte se encontra praticamente eliminada de nossa experiência cotidiana – não se morre mais em casa, os pacientes são isolados nas UTI, a morte é estrategicamente ocultada nos hospitais – sociedades que, como diz Ziegler, inverteu o sujeito da história que passou a ser a mercadoria e não o homem, a via do heroísmo encontra-se praticamente interditada, só restando ao homem como recurso para reprimir o medo da morte, o caminho da violência. Por isso Feifel sugere que a violência do mundo moderno pode ser explicada inclusive como uma resposta ativa a sua mascarada ansiedade frente à morte. E Ariès, Gorer e Koestler se interrogam se grande parte da patologia social de hoje não teria sua origem na expulsão da morte da vida cotidiana, e na nossa inadequação do conceito de morte. Nosso medo da morte é transformado e projetado em atos agressivos para com os outros, tornando-se assim a nossa rejeição da morte um filtro para o irracional.

Nessa fuga para o irracional paradoxalmente há, entretanto, uma tentativa de controle. A dominação simbólica da morte, como ressalta Feifel, é conseguida através da conquista e da matança que proporcionam aos indivíduos uma sensação de ascendência sobre a morte. A violência proporciona um meio para nos assegurarmos de que a morte não é toda poderosa, e portanto a violência nada mais seria do que uma forma pueril do nosso desejo de onipotência e imortalidade. Através da violência é o homem quem decide quando e em que condições ferir ou assassinar os outros ou destruir a si próprio. Isto explica, inclusive, o fato de a média de suicídio entre jovens com menos de 20 anos ter aumentado nos EUA, entre 1960 e 1970, de 25% para os homens e 20% para as mulheres. O Dr. Farberrow menciona, entre outros fatores, a baixa auto-estima, como sendo uma das principais motivações para o suicídio entre os jovens, e acredita ainda que as mudanças sociais que estamos experimentando podem contribuir muito para a alienação destes e o crescente número de suicídios. Em outras palavras, a castração do heroísmo e o narcisismo ferido seriam as causas subjacentes deste aumento da violência do homem, inclusive para consigo mesmo.

Esta sociedade negadora da morte, além de realizar a reificação do homem, ameaça-o através do rápido avanço tecnológico com novas armas de destruição em massa, que a tornam permanentemente persecutória, concorrendo dessa forma para aumentar o temor de uma morte catastrófica e violenta. Portanto, esta nova ameaça de morte pairando difusa sobre a sociedade, uma vez que a destruição pode vir a qualquer momento e de qualquer lugar, também ela conduz à violência, na medida em que leva o homem a usar defesas destrutivas que lhe permitem a ilusão de dominar a morte desafiando-a. Se podemos guiar nas estradas em alta velocidade, se somos capazes de regressar das guerras, se podemos assaltar, matar e ainda assim sobreviver, devemos de fato nos sentir imunes à morte.

Também o emprego de guerrilhas como tática de guerra desloca a presença da morte para todos os cantos e lugares. Se nos reportarmos, por exemplo, à guerra do Vietnã, poderemos encará-la como um exemplo nítido da "anestesia psíquica", como a chama Lifton, de que o homem é capaz quando é obrigado a lidar com situações nas quais não dispõe de referenciais. O meio para os americanos no Vietnã era não somente perigoso e imprevisível como também desprovido de pontos de referência que pudessem adverti-los de um perigo ou ajudá-los a identificar o inimigo. Dessa forma, os soldados americanos experimentaram, como explica Lifton, profunda confusão interna, desamparo e terror. No Vietnã o inimigo era todo mundo e ninguém. Nesse tipo de guerra, portanto, mais que em nenhuma outra é aplicável o princípio psicológico estabelecido de que matar pode aliviar o medo de ser morto. Mas nesse tipo de guerra, para matar é preciso "inventar" um corpo para os invisíveis adversários. E esse corpo serão as aldeias indefesas povoadas de bebês, mulheres e velhos. Massacrando essas aldeias, atirando nessas pessoas por eles equacionadas como inimigos, os soldados americanos tinham a momentânea ilusão de que seus invisíveis adversários tinham sido finalmente localizados e aniquilados e de que haviam posto seu mundo em ordem. Posteriormente, a incapacidade para encontrar significado ou sentido nessa experiência porque passaram deixou os veteranos de guerra do Vietnã com terrível sentimento de culpa de terem sobrevivido. E esse sentimento de culpa pode ser associado a uma profunda suspeita da sociedade que os enviou para o Vietnã.

Em suma: os fatores que explicam a violência em seu sentido mais amplo e em suas diversas manifestações são os mesmos que explicam a violência urbana. Uma sociedade como a nossa, negadora da morte, uma sociedade órfã dos valores referenciais que possibilitam o caminhar para o heroísmo, uma sociedade que violenta em seu âmago o narcisismo, uma sociedade que impondo o consumismo consome o homem, uma sociedade sobre a qual a ameaça de morte paira difusa, podendo a destruição – imprevisível, invisível, matando, ceifando – surgir de forma fantasmagórica como nas guerrilhas, ou do céu, causando a eliminação de milhares de vidas, como ocorreu com a bomba de Hiroshima, ou através de gases ou outros meios de guerra química, ou seja, uma sociedade que contribui para um medo sempre crescente da destruição quer física quer psicológica e que portanto contribui para o medo sempre crescente da morte é uma sociedade que, como vimos, oferece ao homem uma única forma de defesa para lidar com seu medo da morte – a sedução para o irracional, o apelo à violência. Os homens, neste tipo de sociedade, por falta de marcos, limites, fronteiras e pontos de referência sentem-se extremamente indefesos, vítimas de forças invisíveis, e dentro de tal contexto utilizam a violência para prejudicar, eliminar ou matar pessoas ou instituições que são identificadas como responsáveis por este genocídio. Se não podemos evitar a morte podemos pelo menos tentar superá-la. Podemos nos engajar na violência que vai desde a louca corrida nas estradas até o holocausto de Hiroshima. Caso a morte nos fosse menos estranha, menos reprimida, é possível que nossa compulsão para extroverter o medo que temos dela ficasse mais atenuada.

A morte destrói o homem mas a idéia da morte o salva. Mas para compreender esta verdade talvez tenhamos que regredir, como diz Kubler-Ross, voltar na análise do ser humano individual, e começar de novo, do início, para tentar entender e conhecer nossa própria morte e aprender a enfrentar esse acontecimento trágico, porém, inevitável, com menor repressão, irracionalidade e medo. A via do heroísmo é aquela que, como vimos, permite ao homem transcender a morte e conseqüentemente lidar com o terror da morte, ainda que em nossa cultura o heróico pareça demasiado grande para nós ou nós excessivamente pequenos para ele. O assumir o heroísmo acarreta uma liberação da verdade. Em uma sociedade em que o heroísmo não fosse uma via rechaçada, os homens, como insiste Becker, não teriam que exigir que a cultura lhes desse o seu quinhão, isto é, o de poder justificar-se, como vimos, como objeto de valor primordial no

universo. Os grupos minoritários da moderna sociedade industrial ao bradarem por liberdade e dignidade humanas estão realmente pedindo que lhes seja devolvido o direito ao heroísmo primário que lhes foi surrupiado historicamente.

Para concluir, insistimos ser indispensável que nossa sociedade compreenda que a morte não existe para os mortos e sim para os vivos. Negá-la ou ignorá-la equivale a destruir a vida e optar pela violência. Como disse Rilke, um poeta que aprendeu esta verdade: "Quem quer que compreenda corretamente e enalteça a morte, ao mesmo tempo enaltece a vida."